



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo * Director: Padre

Calvário

A cidade está banhada por um sol escaldante. O ar circula com dificuldade nas ruas. Sabe bem a aragem provocada pela passagem veloz das viaturas.

Chego ao Bonfim. Ao atravessar a rua, o alcatrão derrete-se debaixo dos meus pés. Mas a angústia de ver a pobre velhinha, de quem me falaram, impele-me, apesar de tudo, a subir a viela íngreme. Aqui, as casas de granito escurecido apertam-me o caminho. Os beirais que quase se tocam, a roupa estendida debaixo deles negam a penetração da luz do dia. Crianças brincando barram-me por vezes o andar. Vozes imprecatórias cruzam-se sobre mim. É a vida penosa das ilhas que as provoca. O cheiro da refeição do meio-dia entra-me pelas narinas. Vou subindo sempre. O número que procuro fica no alto da viela. Mais crianças. Mais vozes. Mais gente a viver.

A porta está cerrada. Espreito pelo postigo ao lado. — Eu sei abrir — diz-me alguém a quem pergunto pela senhora Glória.

Passo à penumbra do aposento que mais se assemelha a arrecadação. Tudo escuro. Levo tempo a adaptar-me à luz mortíça do interior. Móveis velhos e carcomidos encostam-se às paredes. Poeira de anos dá-lhes a tonalidade de peças de antiguidade. Ao centro, cama de ferro já sem pintura e sem colchão. Sobre os ferros alguns trapos. E neles a Pobre que procuro.

— Viva senhora Glória!

Esta responde com um boa tarde fraco mas sorridente.

Fico alguns momentos a contemplar o espectáculo. A senhora Glória tem poeira no cabelo à mistura com teias de aranha. Dos farrapos que a cobrem não se conhe-

Continua na QUARTA página

NOTA DA QUINZENA

Dos jornais de 5 de Novembro:

«O Conselho da Revolução, reunido em 3 de Novembro de 1976, (...) ouviu exposições da situação do meio militar proferidas pelos três CEM, de salientar a fraca preparação intelectual e física dos candidatos à Academia Militar e Escola Naval. Assim, a título de exemplo, quanto à primeira, concorreram para 163 vagas no Exército e 50 na Força Aérea, respectivamente 408 e 143 candidatos. Daqueles desistiram ou foram excluídos 91. Do total restante foram considerados inaptos nas provas médias 162 candidatos, nas provas físicas 83 e nas provas culturais 156. Face a este panorama que se cifra num aproveitamento de cerca de 10% do total de candidatos que realizaram provas, não pode o C. R. deixar de manifestar a sua preocupação e de pedir a atenção dos portugueses, e em particular das autoridades interessadas, para os problemas do desenvolvimento cultural e físico da nossa juventude.»

Não podemos deixar de reflectir e de sublinhar esta preocupação. Mas não nos surpreende o resultado deste teste

que, generalizado, não deixaria de produzir a sua confirmação.

Porquê esta decadência de forma? No primeiro grau das responsabilidades vejo a Escola. Desde que me lembro, oiço falar em reforma do Ensino. Nunca tal vi. A um esboço dela sucedeu outro esboço sempre que os responsáveis pelo sector mudaram. Mas nenhum esboço foi suficientemente ensaiado no caminho da definição dos traços que conviriam à realidade portuguesa. E mesmo tais esboços nunca encaram a totalidade da Escola, desde a Pré-Primária (ainda quase inexistente) até à Universidade.

No meu tempo de criança,

e antes, a 4.ª classe era meta que a maioria do F não chegava a atingir. Talvez por isso, havia uma preocupação de informar que nos toros aos dez anos umas pequenas enciclopédias de ciência abstrata ainda que o objecto fosse as concretas montanhas rios ou linhas férreas ou menores pouco significativas da História de um país de anos, estreito de fronte — mas tudo grande dentro para uma mente infantil. corávamos muitas coisas qualquer noção delas e por aprendíamos a observar. A teratura (?) aos quadradinhos não existia; muito menos

Cont. na QUARTA

Acontecimento notável

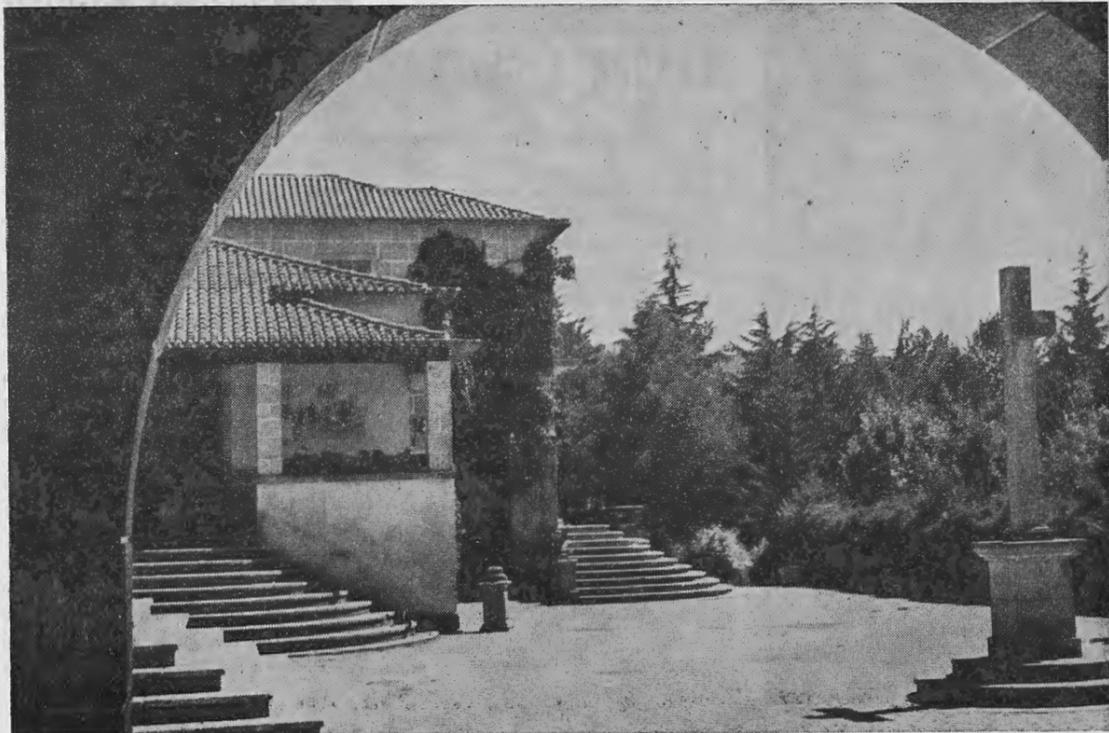
«Se primeiro não se dá de comer a quem tem fome não acreditam nas nossas palavras e até deturpam as nossas intenções. O Evangelho entra pelo mago.»

(PAI AMÉRICO)

Entre os acontecimentos mais notáveis do mundo católico no ano em curso, deve situar-se o 41.º Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Agosto último, na cidade norte-americana de Filadélfia, sob a temática «A Eucaristia e as diversas espécies de fome da família humana». Nele participaram cerca de um milhão de intervenientes, entre os quais figuras de singular relevo, como a Irmã Teresa, de Calcutá, escutada e foi religiosamente, enquanto procurou inculcar a busca de Cristo «no confrangedor disfarce dos Pobres»; o Padre Arrupe, superior-geral dos Jesuítas, que tem fomentado a Companhia de Jesus a colocar-se ao serviço dos marginais e dos mais carecidos; o Bispo do Recife, D. Helder da Câmara, apóstolo das favelas das vítimas das injustiças.

Tudo o Congresso foi um convite à coerência de vida. O slogan base foi «vive o que crês». Os Bispos norte-americanos referiram oito tipos de escandalosas «fomes» humanas que exigem ser satisfeitas e à relação da Eucaristia, sacramento do Amor e da Unidade, com elas. Assim: fome de Deus, fome de liberdade e de justiça, fome de espírito, fome de verdade, fome de compreensão, fome de paz e fome de Jesus — Fome da Vida, foram os aspectos sucessivamente abordados.

Não cabe a um jornal da índole de O GAIATO fazer um exame exaustivo do que foi o Congresso de Filadélfia. Não queremos, todavia, deixar de salientar o facto, pelo compromisso público que representa para todos os crentes, já que só uma firme na Eucaristia pode ser consequente e fonte de fraternidade, levando os cristãos a sentir e a partilhar as necessidades alheias como suas, em ordem a um mundo mais justo e harmónico. Procurar viver com toda a alma o que se crê é uma exigência de seriedade pessoal e colectiva, um imperativo de vida. O contrário será farisaeísmo, hipocrisia ou mentira, com a concomitante tragédia da frustração do Evangelho.



Como numa tela de grande artista, a beleza da nossa Aldeia de Paço de Sousa — fruto da Beleza incriada — entra pelos olhos dentro!

PELAS CASAS DO GAIATO

Calvário

O Calvário existe essencialmente, para que muitos seres humanos vivam como decerto não conseguiriam em meios nada edificantes para seres humanos. Desde os currais, vãos de escadas, etc. Ora, existe em muitas pessoas a tendência para verem isto como quem vai a qualquer centro de animais ou a circo.

É verdade. Triste. Faltará mentalização, como hoje se fala. Entendo que, se isso é consequência de factores que até nem servirão para edificação da pessoa humana, aqui é evidente a falta de respeito. Nomeadamente ao diminuído físico e mental. Os espaços de tempos livres de alguns são aproveitados para fazerem destes Irmãos a mira das suas diversões, como de palhaços se tratassem. Ainda não há muito tempo fui obrigado a «sacudir» um grupo numeroso de junto deles. Não eram crianças as pessoas que tratavam a Isabel, João, Edmaro, Maria Alice, etc., com palavras nada limpas.

Para grandes males... fecha-se o portão.

Nem assim estamos descansados. Os muros são escalados, danificam-se jardins ou coisas que apanham a jeito. Até uns peixes que temos no lago são pilhados. Não servem para comer. Mas só para... Nem sabes, amigo, o resto.

Isto não serve para recreio. E muito menos não é um jardim zoológico. É sério o sentido que levou a fazer o Calvário. Essencialmente não é para ver... com olhos fechados a realidade.

Manuel Simões

Tojal

É a primeira vez que escrevo para O GAIATO, muito embora a ideia de o fazer já me ande em mente há muito tempo.

REFORMA — Tem-se falado muito, neste nosso «País novo», em reforma agrária. Porém, quase nada foi feito e daquilo que se fez pouquíssimo se aproveitou. Assim, o trabalhador rural continua a ser o mais desprotegido e o menos beneficiado.

Será bom que os Rurais passem a ser olhados com maior atenção, tendo em linha de conta que são eles, através da sua maior ou menor produção, o sustentáculo do nosso «vício crónico». E sabe Deus como!

É tempo de acabar com as promessas de mundos e fundos cujo objectivo é porventura os votos. Individualidades dessas dispensam-se. Deite, quem de direito, mãos à obra — porque de ideologias estarão certamente cheios os trabalhadores. Aliás, as suas mãos dizem bem o que é preciso...

REGRESSO — Conta sessenta e três anos de idade, e é nossa já há

vinte e poucos anos, a sra. D. Virgínia.

Aconteceu que a senhora foi passar um período de merecidas férias em casa de familiares seus. Ao retornar ao seu cargo da casa-mãe a senhora foi calorosamente recebida por vários rapazes que largaram o recreio para a saudar. Rapidamente soubemos em toda a Casa que a Avó tinha voltado.

Esta alegria e maneira de receber têm a sua justificação no trabalho e desvelo concedido pela Avó durante todos estes anos. E poderá ela estar bem certa de que ainda temos olhos para ver quem nos faz o bem. Embora muitas vezes não saibamos ser suficientemente gratos.

PEDIDO — Há rapazes que, para além do horário normal de trabalho, têm uma função suplementar a desempenhar.

A mim cabe-me a distribuição do calçado. E é da falta deste que vos quero falar.

Se por acaso tiverem por aí calçado que já não utilizem mandem-no para o Tojal. Nós aceitamos de todas as medidas, mas a falta recai com maior intensidade nos números compreendidos entre 27 e 38.

Sei que estamos em tempo de austeridade; mas, caros amigos, só em vós encontramos a solução desejada e eficaz. Obrigado a todos.

Luís Eduardo

CARTA DE BEJA

Bem longe de onde é feito o «Famoso» (assim me habituei a chamar-lhe), vivo trabalhando na minha profissão de tipógrafo, em Beja.

Sou assinante de O GAIATO pois aqui não vêm os vendedores (porque é longe) trazer-nos pessoalmente a mensagem da Obra da Rua.

Tenho entre mãos o «Famoso» n.º 851 de 23 de Outubro de 1976, onde deparei com uma carta de Benguela. Pois quando recebo o jornal, a primeira coisa que faço é ver se vem alguma notícia de Benguela e depois leio os outros artigos. Como muitos leitores se devem lembrar, várias vezes viram o meu nome no «Famoso», em crónicas de Benguela. Pois foi lá, no Cavaco, onde eu me fiz um homem, onde eu passei os melhores dias da minha vida. Não foi um, dois, nem três anos, mas foram treze anos que estive na Casa do Gaiato de Benguela; uma Casa com 140 rapazes na altura, brancos, negros e mestiços, onde nada nos faltava e todos nos dávamos como verdadeiros Irmãos, pois ali não se aprendia a odiar quem quer que fosse, mas sim a amarmos-nos uns aos outros.

Foi com grande alegria que li a carta do nosso P.e Manuel. Tanto eu como os leitores que acompanham a vida da Obra da Rua, estávamos ansiosos por notícias de Benguela. E o que mais me alegrou é saber que o P.e Manuel em Benguela, e não esquecendo o P.e Telmo em Malanje, com todo o entusiasmo e com toda a coragem continuam a lutar para que nada falte aos seus Rapazes, especialmente o carinho de que tanto precisam na hora presente. É com

grande mágoa que não me encontro em Benguela, a dar a minha colaboração ao nosso P.e Manuel, que tanto se tem sacrificado pelo bem-estar de todos os Rapazes.

Através de O GAIATO lanço um apelo aos nossos Padres de Angola para que nunca esmoreçam e para que continuem a pregar a Doutrina de Deus àqueles Rapazes que tanto precisam na hora presente.

Termino enviando aos nossos Padres em Angola, especialmente ao P.e Manuel com quem lidei todo o meu tempo de Obra da Rua (15 anos), um forte abraço e saudações.

J. Luís Pinheiro

Paço de Sousa

AGUARDENTE — Já há alguns dias que começou a faina da aguardente. Está a cargo do sr. Lopes que, por vezes, sai daqui já ao escurecer.

Temos já umas boas litradas, o que nos dá grande ânimo.

Neste momento ainda temos bagaço para extrair mais aguardente.

Este ano, como em quase todos os anos anteriores, vamos ter bastante aguardente.

DIOSPIROS — Este ano já colheimos os nossos diospiros.

Muitos dos leitores podem pensar que foi muito cedo, mas o certo é que teve de ser, senão muitos não os provariam!

Já quase todos os provaram. Alguns ainda foram colhidos verdes, mas amadurecerão a seu tempo.

ENGANO — No número anterior fizemos o pedido de abelhas.

Ora, dissemos também para as entregarem na rua D. João IV, mas é impossível para gente que viva fora da cidade.

Portanto, quem nos quiser dar abelhas é favor comunicar pelo tele-



O casamento do Mário Armando Rodrigues dos Santos, que foi de Paço de Sousa.

fone 95285 (rede de Penafiel) ou dizer ao nosso vendedor que o resto é connosco.

Obrigado!

LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO

— Mais uma vez apelamos aos nossos leitores, que tenham possibilidades de nos cederem aparelhos relacionados com laboratório fotográfico, o favor de não se esquecerem do nosso pedido.

Aguardamos a todo o momento a vossa boa vontade.

MATERIAL DIDÁCTICO — E cá estamos nós a maçar os leitores com pedidos! Mas o certo é que sabemos que seremos atendidos.

O pedido desta vez vai para as livrarias.

Precisamos, para as nossas aulas de estética gráfica, material como: tinta da china, guaches, marcadores, etc.

O indispensável para aulas de desenho.

Na certeza de que seremos bem aceites, aqui fica o nosso obrigado.

EXCURSÕES — Com o S. Martinho e o S. Simão tivemos muita excursão!

Olha, até calha bem, não pensava em fazer verso, mas calhou.

Pois tem sido uma enchente mesmo a chover!

É sinal de amizade. E sinal de que mesmo a chover não somos esquecidos!

OUTONO

No Outono, as folhas desprendem-se das árvores.

Por sua vez as árvores são agora mais feias.

Os dias são muito mais pequenos. As escolas reabrem novamente.

As crianças andam à chuva e ao vento.

Os passaritos despedem-se de nós. O frio começa a sentir-se.

Enfim, o Outono é tempo de meditação.

«Marcelino»

TERNURA E CÓLERA

As lágrimas do Toninho fazem-me pensar!

Seus olhinhos gordos e meigos penetram profundamente na simplicidade das coisas mais pequenas e humildes.

Toninho vive miseravelmente numa casa de pedra tosca a cair!

É filho único e... os irmãos vizinhos que o rodeiam quotidianamente nunca querem brincar com ele e deixam-no sempre só com a sua precoce tristeza.

Hoje, ao ir para a escola de mãos nos bolsos, cabelos compriditos ao vento e a assoviar baixinho..., Toninho encontra na berma da estrada um pobre cão de tenra idade com uma perna partida que fora atropelado por um agressivo veículo.

Toninho não sabe o que fazer! Perplexo..., lê com ternura no olhar do pobre cão um sofrimento enorme e uma súplica de socorro urgente.

Com gentileza pega no cão, encosta-o ao seu peito terno e faz meigamente doces carícias na cabecita do

pobre animal e retira-se para longe, muito longe!...

Passadas algumas horas, ao regressar a casa, Toninho apanha uma grande sova física e moral dos pais embrutecidos pela vida rude... que levam, por neste dia tão feliz ter faltado à cópia, ao ditado e aos problemas da Escola.

A ternura e a ira, especialmente a ira, andam envolvidas na vida do grande Toninho.

Manuel Amândio
(Quartel em Guarda)

LAR DO PORTO

Amigos Leitores, aqui vão breves linhas sobre uma parcela da imensa Comunidade que é a Obra da Rua.

Melhor ou pior, já começaram as actividades escolares. E nós, os estudantes, como homens do futuro, lançamo-nos ao trabalho para levarmos a bom termo o ano lectivo que surgiu atrasado; como vem sendo normal de alguns anos para cá.

No Lar do Gaiato fazemos uma vida calma e ordenada, uma vida normal, na companhia da sra. D. Diamantina e do sr. Padre Abraão, guias competentes para nos ajudarem no dia-a-dia escolar; não esquecendo os dois responsáveis mais directos pelo funcionamento da pequena comunidade: o Álvaro e o José Carlos.

Ao fim e ao cabo, o Lar está funcionando em pleno com a colaboração e a participação de todos que nele habitam e fazem dele centro de apoio.

Termino com votos de estima e carinho por todos os Leitores amigos, que são valiosa quota-parte do alívio da Obra da Rua.

Manuel Mendes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AUTO-CONSTRUÇÃO — A Auto-construção, paradoxalmente, volta a animar um pouco mais!

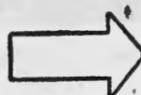
Alguns Trabalhadores decidiram lançar ombros à obra por vários motivos: o elevado custo das rendas, a falta de moradias, as indecentes condições de habitação...

Evidentemente, o custo dos materiais, em espiral, é um sacrifício fantástico para muitos deles!

Claro, a gente não poderá ir além da telha e do apoio moral, se a moradia for à medida e as divisões com o mínimo indispensável.

No entanto, quanto não se poderia fazer, por esse País fora, em benefício da Auto-construção!

Agora, na medida do possível, temos-nos motivado a aproveitar o plano de crédito bancário, com a bonificação de juros estatal; e que se manterá até que outros não venham...



Reflectindo...

No Antigo Testamento conta-se que alguns homens quiseram atentar contra Deus e resolveram fazer uma Torre tão alta que chegasse até Ele, mas Deus conhecendo as suas más intenções baralhou-lhes as línguas do que resultou uma grande confusão e a Torre não chegou a subir.

Este episódio é um exemplo concreto da ineficácia dos esforços no meio da confusão... E chama-me a atenção para a confusão que hoje acontece nas diversas situações da vida dos homens, embora usem a mesma língua e empreguem as mesmas palavras.

O Homem, pelas suas próprias limitações, tem grande dificuldade em se colocar no ponto certo; e assim é que analisando a História se descobre que, ao querer emendar um erro, a Humanidade cai facilmente no erro contrário... E a vida acaba por ser um eterno acerto. E a evolução do Homem vai-se fazendo através de novas contradições e novas dificuldades.

Nós, Portugueses, sem grande capacidade criativa, marchamos muitas vezes à custa do andamento dos outros, mas andamos aos solavancos e assimilando mal as formas de viver que outros foram criando através de um ritmo mais normal e mais seguro. Mas

apesar de tudo vale mais caminhar em sobressalto que ficar parado à beira do caminho.

Ao dizer que apesar de tudo é melhor caminhar em frente, não esqueço os riscos que isso acarreta e no nosso caso, um deles é a confusão nascida num povo sujeito largamente à rigidez, a quem de repente é facultada maior liberdade. O que imediatamente acontece é entrar-se numa sucessão de ilusões e frustrações; é aparecerem as mais diversas opiniões (e todas a quererem imperar); são lutas aparentemente intermináveis para se acertarem as divergências até que os organismos sejam capazes de funcionar segundo uma nova ordem. Tudo isto faz com que muitos tenham saudades dos tempos passados — nesse tempo tudo parecia correr com menos sobressaltos — saudade essa que leva muitos a criticar o que vai acontecendo, quase parecendo que têm gosto em que as coisas não resultem...

Assim coexistem: os que choram o passado, os que querem andar depressa demais (sem se lembrarem que a invenção do futuro tem que ser feita a partir de realidades concretas) e os que olham o presente e o querem viver abraçando as circunstâncias que estes lhes oferece.

Entre todos estes grupos se desenrolam desencontros que me lembram o episódio da Torre de Babel.

Nenhum homem é possuidor da Verdade e só pode aproximar-se dela quem começar por reconhecer isto mesmo. Isto o impedirá de se tornar fanático (o fanatismo é um sintoma evidente de envelhecimento de espírito e este é uma grande doença). Ao fim e ao cabo só aprende alguma coisa aquele que na caminhada da vida não deixa endurecer o seu coração... E só faz efectivamente alguma coisa aquele que ao «fazer» evita a todo o custo pisar os outros; pois, parafraseando S. Paulo, podem-se construir montanhas, realizar grandes coisas, mas se isto for feito sem caridade, pouca validade tem.

Esta reflexão tem razão de ser a respeito de quase todos os campos da vida humana, pois em quase todos se manifestam e realizam os seus efeitos destrutivos, os desencontros entre a liberdade de cada um. É nas famílias com consequências dolorosas para os seus membros. É no sector da educação, a todos os níveis, mas de uma forma bem visível entre os elementos que formam os quadros de muitos estabelecimentos de Ensino (e nada menos educativo que a desu-

nião e a agressividade). É dentro das empresas, quando a guerra entre as pessoas prejudica o bom andamento das mesmas (acabando todos por ser prejudicados, tanto patrões como empregados). É nas povoações em que o desentendimento entre os seus habitantes lhes rouba a força que deveria ser empregue para defender os seus próprios direitos e na criação de iniciativas em ordem ao bem-comum. É no Governo (e neste caso com consequências funestas para todos nós.)

Queira Deus que esta situação não aumente nos portugueses o número dos «Velhos do Restelo». Isto porque a marcha da História, apesar de alguns aspectos cíclicos, é irreversível e nada nos ajuda, andar atrás da carroça. Mas que o querer estar actualizado não seja razão para se fazerem novas guerras.

É preciso aceitar e sofrer a hora que passa. Não nos tor-

narmos pessimistas, mas sem armas para que a História e a Paz se vão tornando mais efectivas. As novas perspectivas que se irão tornando realidade custaram muitas vidas de sofrimento a muitos homens; e não só aquele que para os jornais ou que é tratado na televisão, mas o que se instala no cor daqueles que vivem com vontade. A ninguém agora pedido que seja o Salvador da humanidade, mas que as palavras, os seus gestos se coloquem na instauração de um Mundo Melhor.

Alguém dizia de Pai Américo que ele não modificou a sociedade, mas por onde passou foi tornando melhor aquilo encontrou. Seria bom que mesmo acontecesse com aqueles que estão empenhados não gastar a vida inutilmente. Quem dera que assim fosse.

Padre Ab

NOVOS ASSINANTES DE «O GAIATO»

Não podemos esconder a procissão de novos Assinantes! Além de testemunharmos, ao vivo, a riqueza e diversidade de presenças, é um estímulo para muitos e bons Amigos que não perdem oportunidades de motivar os da sua roda a inscreverem-se na Família de O GAIATO.

Aqui está Belazaima do Chão:

«Meus amigos
Mais uma nova assinante. Leu o nosso Revolucionário e quis espontaneamente inscrever-se, porque ele lhe «disse» alguma coisa.

Vão 100\$00 para as primeiras impressões.

Ao enviar-vos os meus cumprimentos, quero agradecer todo o bem que me tendes feito através do jornal. Obrigado.»

Um cartão singelo, mas tão rico!, de Aliverca. Ouçam:

«Junto o meu cheque que se destina ao pagamento de 7 novos assinantes arranjados para o nosso O GAIATO. Em anexo segue a lista com os seus nomes e respectivos endereços.

Com a ardente certeza de que o nosso jornal viverá sempre, renovo os meus cumprimentos.»

Lisboa:

«Pessoa minha amiga ofereceu-me o n.º 845 do vosso jornal.

Li o mesmo todo, com a maior atenção. E fiquei mais alegre com a sã doutrina em favor do nosso Semelhante.

Peço me criem seu assinante. Sou cristão praticante e grande admirador de S. Francisco de Assis.»

Figueira de Castelo Rodrigo: «Agradeço recomecem a enviar-me O GAIATO que durante tantos anos foi um farol nos escolhidos da minha vida.

Grata pela atenção dispensada ao meu pedido...»

Júlio Mendes

Uma vasta gama de Amigos continua a inscrever-se diariamente! São presenças de mente saborosas. Af vão n

Almada:

«Gostaria de ser assinante de O GAIATO.

Há muitos anos que tenho, cá em casa, admirado a Obra do Padre Américo

Coimbra:

«Normalmente compro O GAIATO aos domingos, à da da Missa. Cabe-me, agora perguntar (em face do vosso postal RSF) o que será pr

ível:
a) Continuar como até agora
b) Ou tornar-me assinante
Se for preferível a alínea queiram desde já inscrever como assinante.»

Votamos na alínea b). A venda avulsa teve sempre e um objectivo: motivar o vosso na leitura de O GAIATO. E os nossos pequenos vendedores não são ardidas, mas em xadores da Obra da Rua. Assim, como somos da Rua, queremos despertar nos homens o interesse de se inscreverem na Família de Assinantes de O GAIATO.

Eis o resumo geográfico das presenças durante a última quinzena: Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Setúbal na linha da frente. Mais Leça da Palmeira, Mem Martins, Portugal, Fátima, Nova Oeiras, Vagos (a minha terra!), Tondela, Borralha, Aveiro, S. Mamé de Infesta, Areosa (Porto), Odrado (Gaia), S. Pedro da Cova, Cascais, Cacém, Queluz, Caneleira de Pera, Sarzedo, Vieira de Leiria, Fânzeres, Vila Ceira (Açores), Cartaxo, Vila Zela, Crato e Figueira da Foz. Além-fronteiras, temos Benim (África do Sul) e Klein Bulo (Holanda).

Júlio Mendes

(como é costume) alterar o razoável.

Verdade seja, e já contestámos, esse plano, da forma como está gizado, apesar de poder satisfazer os anseios de alguns, não satisfaz inteiramente os Auto-construtores. Eles não são empreiteiros nem pequenos-burgueses. Eles constroem as moradias, geralmente, pelas suas próprias mãos. E, sendo assim, por razões económico-sociais — e até mesmo constitucionais — deveria ter sido criado um plano paralelo e específico para a Auto-construção.

É que a falta de mentalização no que se refere a estas acções, exclusivamente dos meios rurais, é tão notória que, das autarquias por aí acima, pouca gente avalia conscientemente, concretamente, o que é levantar uma casa pelas próprias mãos, com a ajuda de amigos e familiares.

Em todos os aspectos, como seria vantajoso para milhares de famílias se o Estado, no plano que falta, lançasse um verdadeiro serviço de apoio aos Auto-construtores; sem partidária que pudesse salgar as acções!? Projectos, assistência técnica, aplicação razoável da lei dos solos, ajuda financeira, materiais a preço de custo, etc. etc.

PARTILHA — «Os Amigos de D. António Barros» com 20\$00. Persistência! Agora, muita atenção:

«Mais um Dia de Finados em que tanto dinheiro se gastou em flores caras para os cemitérios! Nas campas de meus Pais, apenas coloquei umas flores simples e resolvi enviar para a vossa Conferência, em sufrágio das suas almas, a importância de 250\$00, pequenina ajuda para auxílio do que vão gastando, ao longo do ano, com os Irmãos que ainda pere-

grinam na terra cheios de carências e aos quais ajudam a tornar menos pesada a cruz.

Um abraço amigo para todos, de «Uma portuense qualquer».

Quem diria melhor?!

Por alma de Ernesto Silva, mil escudos. Velha Amiga com 20\$00, em Dia de Todos os Santos. Tirou-os à sua boca. É o Óbulo da Viúva. Mais 160\$00 da Parede, em cheque. E 500\$00 de uma anónima, de Fátima. Assinante 11987, de Barcelos, 4.000\$. Esta Amiga não deixa de nos visitar uma vez por ano! Que Deus a ajude. Mais 50\$00, pela mão da s.ra D. Hortência.

Parede:

«Portanto, são 50\$00 duma colega minha com destino à vossa Conferência e os 100\$00 do livro que me enviaram.

Como já tinha o PÃO DOS POBRES, dei-lhe o seguinte destino: Leitura Espiritual da Conferência Vicentina da qual faço parte. Todas as semanas somos obrigados a pensar que problemas de há trinta ou mais anos, infelizmente, continuam por resolver.»

Somos da mesmíssima opinião. Rua das Amoreiras, Lisboa, «200\$ dos meses de Setembro e Outubro para ajuda dos mais necessitados e um obrigado por me ajudar a ajudá-los».

Que delicadeza!

Mais 50\$00 da Assinante 17741. H. P. com 20\$00 «que deixaram em minha casa».

Assinante 11152 com 100\$00, amiga-linha velhinha para os nossos Irmãos mais necessitados». Agora, temos a presença habitual — e muito amiga — da «Assinante do Seixal»: 1.000\$00 «com toda a fraternidade — partilha

do salário de Outubro». A sua presença é um facho de luz da Luz!

Finalmente, carta de Vicentino de Lisboa — com Mensagem oportuna:

«De vez em quando o Senhor Jesus bate-nos à porta usando vários meios e veículos, chamando a atenção para os nossos Irmãos privados de auxílio e amparo. Um desses veículos tem sido para mim o precioso jornal O GAIATO.

Desta vez, atraiu a minha atenção o caso dos Auto-construtores que pretendem resolver o seu problema habitacional.

Considero a Auto-construção uma das mais felizes iniciativas do Padre Américo e que merecia o maior auxílio técnico e financeiro dos poderes públicos. Creio que, infelizmente, estes ignoram tal iniciativa. Em contrapartida, vejo no «Diário de Notícias» de hoje declarações de ministros responsáveis pelo problema da habitação, revelando que o Estado dispensou somas fabulosas nos serviços respectivos com resultados insignificantes. Com uma fracção, o que não teria feito a Obra do Padre Américo!?

(...) Junto um cheque de 1.200\$00, sendo 1.000\$00 para ajudar o casal auto-construtor e os restantes 200\$00 destinam-se a retribuir (repugna-me dizer pagar neste caso) o monumental livro PÃO DOS POBRES, obra extraordinária que é, verdadeiramente, o Evangelho em acção. É empolgante!

Agradeço uma oração por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda.»

Quem tiver ouvidos de ouvir — que ouça.

Ostracismos

● É junto dum Liceu. Passo, vejo e sinto.

Eis uma criança que, de gestos mecanizados pela força do hábito, testemunho do grau vicioso, leva, peremptoriamente, o cigarro à boca! «Passa» atrás de «passa» vai até ao filtro. Seus dedos médio e indicador, já amarelados, evidenciam a prática.

Com um pouco de humor e muito de «não te rales» até era capaz de deixar. — Olha o «puto» já pendurado ao cigarro!

E fora médico, na minha indiferença; e dela sairia o prognóstico: Pulmões que se estão a estragar pela nicotina, deposição de carbono e alcatrão (e eu sei lá mais o quê). Passaria; e, atarefado, depressa esqueceria aquele petiz, sete ou oito anos de idade, que no «crava» a outros petizes tais quais, apenas com alguns anos mais de vida nesta terra, vai arranjando seu cigarro para o deleite de cada «passa».

Mestiço, ele e os irmãos(?). São parecidos, por ali andam...

— Oh! para quê importar-me? Já não chegam os meus problemas para me chatear!?

● É uma praça da cidade. Passo, ouço e sinto.

Eis ... (não sei se lhe chamar criança). Quinze ou dezasseis anos de idade, sexo feminino e físico com bastante perfeição morfológica (talvez demasiada para a idade).

— ...O quê pá?! Tens «taco»? É o que ouço.

Não sei que diria se fosse humorista e menos ainda se fosse médico.

Sabeis o que é o «taco»? É a «ganza»?

Conheci um (ex-colega dos primeiros anos de vida estudantil, já então diferente, realçando a educação não recebida), que, quando está «gançado», é maravilhosa a música que tira de dedos elegantes e graciosos, olhos em outro mundo, numa flauta nada cara.

Numa praça de vida «académica» (se pudesse pôr-lhe um prefixo de negação)!

Mas o meu destino é mais além! Que faço aqui?! Eh!... Já vou chegar tarde, hoje!

● E agora tu, mulher andrajosa, que jazes na tua imundície ao fundo dumas escadas, mendigando, a quem

passa, algo para alimentar teu raquítico corpo!

Que farias mulher triste, passiva, se em vez da moeda desejada te pusessem algumas gramas de «Liamba» na mão?

Atirá-la-ias fora e, em teu pensamento, chamarias louco a quem dela te havia feito oferta. Mas, na tua ignorância, no teu desconhecimento da exploração das fraquezas humanas, na abstração do mundo em que vives, terias atirado fora para cima de cinquenta escudos por grama de sementes e resíduos da planta.

Mas não pedes negócio. Pedes pão! Não queres explorar. Apenas pedes o que de direito te é pertença.

E ficas jazerdo ao fundo dessas escadas de tanta vida, sem vida alguma.

E eu?... Passo apressado ignorando tua mão estendida, porque uma manhã de aulas me espera.

Oh! Samaritano...

Lita

Cont. da 1.ª pag.

edições escolares. Nem livros coloridos e belos para atrair os sentidos. A criança era um bocadinho violentada a pensar e muito ao exercício da memória.

Não louvo o sistema. Mas a verdade é que quem cortava a meta da 4.ª classe, sabia mesmo e não esquecia tudo o que aprendera, nomeadamente o essencial: ler, escrever e contar. E para quem seguia estudos, estava adquirida uma estrutura mental apta ao raciocínio e gostosa de raciocinar.

E lia-se; porventura menos em extensão e quantidade do que hoje, mas mais em profundidade e qualidade.

Correu o tempo. A Psicologia e as técnicas pedagógicas tiveram grande desenvolvimento. Tem-se pretendido demasiadamente meter pelos olhos e

Calvário

Continuação da PRIMEIRA página

ce a cor; também da poeira acumulada sobre eles. A pobre velhinha é imagem antiga, perdida no quadro que presencio. Mestre Malhoa devia gostar!

A única pessoa que a senhora Glória tem viva é um filho, que passa o tempo no sanatório, e às vezes volta até aqui, para visitar a pobre mãe inválida.

Entretanto, esta vive à mercê de ajudas esporádicas de pessoas vizinhas.

Nunca tinha visto nada semelhante. Pergunto-me a mim mesmo se é possível a realidade que tenho diante. Quando a realidade não devia ser, a nossa sensibilidade perturba-se. Os olhos, aqui, não querem aceitá-la, mas a razão força a acreditar.

— Quer ir comigo daqui para fora? — pergunto.

Quando se tomba neste estado, a consciência fica sem capacidade para discernir.

O Calvário é uma pequena tentativa de resposta para quem já nem faz perguntas sobre o viver.

Padre Baptista

Nota da Quinzena

pelos ouvidos, o que havia de ser dirigido à inteligência, para aí demorar em trabalho de digestão indispensável a uma sã, perene e fecunda assimilação. Resultado... Posta hoje, já de facto, a meta da escolaridade obrigatória nos seis anos, a caminho dos oito, não se vê ao fim dela uma informação semelhante à de antes ao fim de quatro, mesmo no essencial: ler, escrever e contar. Porém, pior: não se vê uma formação que abra o jovem comum ao gosto de pensar, ao interesse de progredir em cultura, não apenas a escolar — que esta ao fim e ao

cabo sempre se materializa na busca de uma profissão que sustente — mas também humanística, universalizante, que não levará a doutor de coisa nenhuma, mas ajudará a construir a personalidade, a formar o cidadão válido com que se poderá erguer uma sociedade melhor.

Não é com uma Escola indecisa e sem linhas de rumo bem amadurecidas; não é com um Desporto desviado da sua primacial função formativa da pessoa para a competição alienante; não é com foto-novelas importadas do Brasil ou editadas por aí; menos com a inundação da pornografia impressa ou filmica e de violência — como nada disto precioso, se promoverá «o desenvolvimento físico e cultural da nossa juventude», por cuja «fraca preparação» agora deu o Conselho da Revolução.

Pois muito bem, que estejam atentos os portugueses a este gravíssimo e fundamental problema, até porque, numa óptica simplesmente administrativa, não está certo que uma Escola, hoje incomparavelmente mais dispendiosa ao orçamento do Estado, não dê um proporcionaldo acréscimo de verdadeiro rendimento. E que não durmam «as autoridades particularmente interessadas» pelo dever que lhes advém do Poder que encabeçam e «da faca e do queijo que, de facto, têm na mão».

Padre Moura

Padre Carlos



O Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

RETALHOS DE VIDA

O Fernando



Queridos amigos:

Sou natural de Agrela, concelho de Chaves, onde vivi com minha mãe e meus irmãos até aos 12 anos.

Foram tempos muito difíceis e, além disso, nós vivíamos muito pobremente. Minha mãe era sózinha, porque meu pai, que não era casado com a minha mãe, abandonou-nos e juntou-se a outra mulher, deixando a minha mãe grávida.

Quando meu pai nos deixou, eu fui servir para a casa de um patrão, onde trabalhava com uma vaca leiteira e um cavalo; e aí ganhava o leite para o meu irmãozito mais novo e cinquenta escudos para minha mãe comprar alguma coisa de comer para todos.

Assim, lá fomos vivendo até que chegou a hora de minha mãe ir para o hospital ter o bebé e aí morreu de parto. O menino salvou-se. E uns senhores que estavam no hospital perflharam-no. Minha mãe morreu tinha 27 e eu 12 anos.

Depois, fui para o Asilo de Chaves com meu irmão Jorge, até irmos para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, a pedido de uns senhores da Caritas, onde nos encontramos muito felizes e já cá estamos há sete anos.

Eu estava na 2.ª classe e a minha primeira obrigação foi tratar do gado até fazer a 4.ª. Agora, tenho 19 anos fresquinhos e sou carpinteiro. Como os meus irmãos gaiatos têm muita amizade e confiança em mim, escolheram-me para chefe-maioral.

Sinto-me muito feliz com todos e gosto muito de cantar e fazer parte das nossas Festas, das quais tenho participado todos os anos.

Queridos amigos, vou terminar este retalho da minha vida que tinha para vos contar. Mando-vos muitos cumprimentos e peço que sejais cada vez mais nossos amigos.

Fernando Borges Ribeiro

PARTILHANDO

A avenida está a ficar despida e o alcatrão, durante a semana, veste o fato-macaco castanho, tão carinhosamente emprestado pelas tílias e pelos carvalhos, ajudados pelo amigo vento. Só que nos fins de semana, os miúdos não estão com meiguices. De vassoura e saco na mão, despem-no e vestem-lhe o fato de domingo. Há visitantes e a limpeza é um trabalho de todos os dias, mesmo sem visitas. Mas agora o frio, que chato! A apanhar folhas húmidas e frias, tem-se a sensação de que faz mais frio. Quem passa, nem sempre atende. Distraímo-nos. Há dias, não me esqueci. E a um dos pequenitos que sózinho apanhava folhas do chão, molhado, eu perguntei:

— Está frio?

A resposta saiu-lhe pelo sentimento, emocionou-se e não falou... O sol ainda não tinha aquecido o gelo da noite, feito orvalho da manhã. Do lado, vêm vozes de gozo e chaladice:

— Não está frio. Ele é assim um...

Sugeri que se calassem, sem imaginar nunca que o enxova-

lho maior estava guardado para mim.

— Você anda aí de casacão! Respondi também no gozo, mas a sério:

— O teu dá dois do meu.
— Mas nós andamos de calções...

— É verdade.

Fui-me dali sem a resposta na língua. E que as minhas calças eram também «casacão».

Se a beleza das coisas não se alimentasse dos pequenos e grandes sacrifícios dos homens, os olhos não seriam tão belos! Será preciso tudo..., mas o meu «casacão» é que é suspeito em defender a beleza dos olhos ou a beleza dos sacrifícios.